

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES A PARTIR DO CORDEL

Rozânia Ferreira Serikawa (UFCG)¹
Naelza de Araújo Wanderley (UFCG)²

RESUMO: O trabalho apresentado é um recorte de uma pesquisa de mestrado, na qual foi realizado um estudo acerca das potencialidades do processo de formação continuada para professores do Ensino Fundamental. A proposta defendida por essa pesquisa diz respeito à inserção da literatura de cordel em sala de aula, como um texto a ser mediado para a formação de leitores. O objetivo da referida pesquisa foi propor, como produto final, uma sequência didática – aqui apresentada – que pretende assumir, junto ao professor, o papel de suporte metodológico no processo de mediação dessa literatura em sala de aula. Nesse sentido, o artigo em questão está organizado em três partes: na primeira parte, trata de aspectos teóricos acerca da formação continuada para professores e dos folhetos de cordel como parte do processo de mediação de leitura; na segunda, reflete acerca da figura do professor enquanto leitor; e, na terceira, pautada no modelo de sequência didática adotado por Cosson (2014), apresenta, como proposta pedagógica para a mediação do texto literário em sala de aula, uma sequência didática para ser discutida/trabalhada em cursos de formação continuada de professores na área de leitura e formação de leitores e a partir do trabalho com a literatura de cordel. Para tanto, o estudo é norteado por autores como Amigues (2004), que problematiza a formação dos professores, Colomer (2007) e Cosson (2013), que discutem sobre a literatura e a sua presença no processo formativo de leitores, direcionando seu foco para os discentes, e Pinheiro (2013), que explora o cordel enquanto recurso pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada. Professores. Literatura de Cordel.

ABSTRACT: *The paper presents an excerpt from a master's research, in which a study was carried out on the potential of the continuing education process for elementary school teachers. The proposal defended by this research concerns the insertion of cordel literature in the classroom, as a text to be mediated for the formation of readers. The objective of this research was to propose, as a final product, a didactic sequence – presented here – that intends to assume, together with the teacher, the role of methodological support in the mediation process of this literature in the classroom. The article is organized in three parts: the first part deals with theoretical aspects about continuing education for teachers and cordel pamphlets as part of the reading mediation process. In the second, it reflects on the figure of the teacher as a reader. And in the last one, based on the didactic sequence model adopted by Cosson (2014), it presents as a pedagogical proposal for the mediation of literary texts in the classroom, a didactic sequence to be discussed/worked on the continuing education courses for teachers in the area of reading and formation of readers and based on work with cordel literature. Therefore, the study is guided by authors such as Amigues (2004), who problematizes teacher education, Colomer (2007) and Cosson (2013), who discuss literature and its presence in the formation process of readers, directing its focus for students, and Pinheiro (2013), who explores the cordel as a pedagogical resource.*

KEYWORDS: *Continuous education. Teachers. Cordel Literature.*

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Especialista em Psicopedagogia pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba. E-mail: rozaniaserikawa_35@outlook.com

² Docente da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: naelzanobrega@gmail.com

INTRODUÇÃO

Conhecido como um gênero textual crítico, dinâmico e informativo, o cordel traz conteúdos diversos que podem ser trabalhados em sala de aula através de inúmeras possibilidades: por meio de suas histórias, aventuras, leitura e interpretação, musicalidade, reconto, releitura, entre outros, como defende Pinheiro (2018, p.50), “[...] a literatura de cordel apresenta uma riqueza imensa no que se refere ao jogo com a linguagem”, sendo um gênero literário que abrange todos os públicos - do infantil ao adulto -, bem como pessoas de diversas classes sociais. O cordel utiliza-se de uma linguagem informal e articula diversas linguagens: a verbal, a não-verbal, a oralidade e o ritmo musical, além de apresentar de maneira divertida a realidade econômica, religiosa e social, o que possibilita um trabalho lúdico, pautado no incentivo à leitura.

Acreditamos que a literatura de cordel, tradicionalmente divulgada em forma de folhetos, é um recurso pedagógico enriquecedor e que pode promover, em sala de aula, uma nova experiência de leitura. Isso porque o trabalho com cordel permite ao aluno o contato com as diversas situações que o aproximam de sua realidade e, enquanto recurso didático/pedagógico, pode contribuir significativamente para a formação de ativos leitores, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico e de novas descobertas de um mundo de imaginação e fantasia.

Diegues Jr. (1977) alega que, no âmbito da literatura popular, encontramos a tradução daquilo que é o espírito da sociedade. Sendo assim, há por parte dos leitores de cordel uma identificação com o que é representado nos folhetos. Além disso, em contexto escolar, Cosson (2014, p. 34) diz que deve haver um investimento na leitura de textos cujas origens e características sejam diversas, possibilitando ao alunado a compreensão de que o discurso literário “[...] articula a pluralidade da língua e da cultura”.

Diante disso, entendemos que é necessário que essa literatura seja conhecida pelos jovens leitores em formação, uma vez que apresenta diversas temáticas de histórias, perpassando por reescrita de contos de fadas, temas cotidianos, narrativas oriundas da cultura regional (fator que pode contribuir para o processo de identificação entre texto e leitor), etc. No entanto, ainda há um considerável número de instituições educacionais em que os folhetos não são conhecidos e/ou explorados. Esse desconhecimento e/ou escassez de exploração também ocorre com os professores que, muitas vezes, tentam e precisam inserir a leitura no cotidiano de aprendizado dos discentes, mas encontram dificuldades em relação à leitura literária e às possibilidades de trabalho com o gênero cordel em sala de aula.

Considerando que o professor é um dos facilitadores para o processo de desenvolvimento da leitura de seus alunos, é necessário que ele também seja um leitor. Desse modo, questionamos sobre caminhos possíveis para que o docente se torne um leitor proficiente de literatura através do cordel e, dessa forma, possa mediar adequadamente a leitura de folhetos junto a seus alunos. Sendo assim, traçamos como objetivo principal da pesquisa que deu origem a esse artigo a observação acerca das potencialidades do processo de formação continuada para professores do Ensino Fundamental, no que se refere à presença da literatura de cordel enquanto texto a ser trabalhado em sala de aula. A partir dessa compreensão, propomos uma sequência didática que, junto ao professor, funcionaria como um suporte metodológico para a mediação dos folhetos em sala de aula. Cabe esclarecer que essa sequência não foi aplicada no decorrer da pesquisa, ela se apresenta como proposta/sugestão a ser aplicada posteriormente em experiências de leitura voltadas para a formação de leitores.

Desse modo, acreditamos na necessidade de um trabalho voltado para a formação continuada do professor, considerando que o docente pode contribuir para a formação leitora discente através de uma mediação centrada na exploração e no conhecimento acerca da riqueza dos versos presentes nos folhetos de cordel, suas temáticas, estrutura, o resgate da cultura, a interdisciplinaridade, o desenvolvimento do prazer pela leitura, etc. Consideramos, ainda, que a proposta de um trabalho com cordel a partir de uma sequência didática pode contribuir não somente com a formação de professores enquanto leitores, mas também com a experiência de leitura nas atividades de sala de aula, uma vez que o docente em formação passa a agir como uma espécie de multiplicador dessa leitura junto aos discentes, também em formação enquanto leitores.

Nessa perspectiva, apresentaremos a seguir uma breve discussão a respeito da formação continuada, da literatura de cordel, da função do professor em relação ao ensino desse gênero e da construção do professor enquanto sujeito leitor.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA A LITERATURA DE CORDEL E FORMAÇÃO DE LEITORES

O trabalho do professor não se resume à atuação direcionada aos seus alunos, mas se estende também à instituição educacional a qual está vinculado, assim como aos pais e a outros profissionais. Desse modo, não se caracteriza como um trabalho individual ou limitado à sala de aula e à interação com os alunos. O trabalho do professor é, assim, uma atividade regulada, que continuamente procura soluções e que é, por natureza, coletiva (AMIGUES, 2004). Nessa direção, estabelece-se como necessidade, dentre outras, a buscar por soluções para o desenvolvimento da prática de leituras.

Sendo o professor o profissional que medeia o processo de aprendizagem em uma instituição formal de ensino, quais seriam os requisitos para formar esse educador adequadamente? A formação inicial começa nos cursos de licenciaturas, todavia é consenso que as formações ofertadas pelos cursos de licenciatura não abarcam todas as necessidades e exigências da profissão, haja visto sua complexidade. Desse modo, o objetivo da formação continuada é promover o aperfeiçoamento e a atualização dos professores em suas respectivas áreas de atuação.

Para Costa (2004), a formação continuada é marcada pela complexidade e sua base de trabalho pode se pautar em distintos enfoques e dimensões. A história mostra tanto a existência do modelo clássico, quanto o nascimento de novas tendências de formação. Segundo a autora, no modelo clássico há a volta do professor à universidade, com o intuito de renovação de seus conhecimentos através de “[...] programas de atualização, aperfeiçoamento, programas de pós-graduação *latu sensu* e *strictu sensu*, ou ainda, participando de cursos, simpósios, congressos e encontros voltados para o seu desenvolvimento profissional” (COSTA, 2004, p. 67, grifo da autora). A autora (2004) afirma ainda que esse modelo privilegia os espaços tradicionalmente já considerados como produtores de conhecimento, isto é, a universidade e os que a ela se vinculam.

Por outro lado, as novas tendências, no entendimento de Costa (2004, p. 70), “[...] tratam de uma formação voltada para o professor reflexivo e tem como eixo central a própria escola”. Assim, o centro da formação de professores não seria mais a universidade e sim a escola de Educação Básica. Não há, contudo, uma ruptura com a universidade, mas um entendimento da formação docente enquanto “[...] uma forma de reconstrução permanente de uma identidade pessoal e profissional em interação mútua com a cultura escolar, com sujeitos do processo e com os conhecimentos acumulados sobre a área da educação” (COSTA, 2004, p. 70). Esse modelo também é defendido por Tardif (2014) ao apontar para

a necessidade de repensar a formação de professores, considerando dois aspectos: os saberes dos professores e as realidades específicas de seus trabalhos cotidianos.

Ainda sobre essa discussão, Nóvoa (2017) sugere a criação de um novo lugar para a formação de professores, que se constrói em uma zona fronteira entre a universidade e as escolas. Nessa zona fronteira, consideramos a potencialidade da literatura e, especificamente, do cordel para construção de saberes que, por vezes, são desconsiderados nos modelos clássicos de formação docente, seja inicial ou continuada.

Geralmente, os professores que assumem as aulas e/ou cargas horárias de literatura possuem formação em Letras, mas sem tanto aprofundamento na questão literária. Essa problemática ocorre em todos os níveis de construção do conhecimento, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior. Cosson (2013) afirma que há pouca preocupação com o ensino dessa disciplina. No caso dos professores de Pedagogia, conforme o autor (2013), a formação com foco em literatura é deficitária, tendo em vista que os anos voltados para a formação inicial desses professores estão atrelados a uma preocupação (quase que total) com o processo de alfabetizar, bem como com as teorias de ordem educacional, restando pouco tempo e espaço para outros componentes curriculares mais específicos e de outras áreas do conhecimento. O pesquisador (2013) ainda atesta que são poucos os cursos de licenciatura em Pedagogia cujo currículo contempla uma disciplina específica sobre o ensino de literatura, pois, geralmente, ela está atrelada às disciplinas de língua portuguesa.

Cosson (2013) faz uma crítica à escassez de espaço para a literatura nos currículos, tanto da licenciatura em Letras quanto em Pedagogia. No entanto, especialmente em Pedagogia, essa diminuta formação se estabelece em bases que priorizam, tão somente, a superficialidade de textos literários infantis. Não há, portanto, um movimento que priorize o ensino e a reflexão acerca de metodologias no trabalho de literatura no Ensino Infantil. Daí a necessidade de formações continuadas que, de certo modo, busquem preencher essas lacunas.

Nesse sentido, a formação continuada tem uma função importante para as aulas dos professores que promovem o trabalho com a literatura em sua aula, uma vez que fornece reflexões, métodos e debates do fazer literário e da formação de leitores. A formação de leitores a partir da literatura de cordel é ainda mais escassa, pois poucos cursos oferecem essa formação e as bibliotecas também não disponibilizam em seus acervos uma quantidade considerável de folhetos. Pinheiro (2013, p. 41) sugere caminhos metodológicos para o trabalho com os folhetos de cordel que, em nossa concepção, podem ser adotados para as formações continuadas de professores em leitura de cordel, são eles: “[...] enfatizar o folheto como *literatura*”, isto é, não limitá-lo à informação, ao jornalismo ou a outras abordagens pragmáticas; e “[...] o folheto é para ser lido. Ele pede voz”. Nessa lógica, ele sugere a sala de aula como um espaço adequado para a experimentação e a vivência de leitura dos cordéis e de seu trabalho com a oralidade.

Para que o cordel se estruture como uma prática de trabalho e desenvolvimento da oralidade para os professores e, conseqüentemente, para seus alunos, preconiza-se o incentivo da leitura atrelado à formação de leitores. Zilberman (2007), ao ser questionada sobre quais são as premissas para o trabalho docente com a leitura, responde que, apesar da obviedade, existe uma premissa: a de que o professor seja um leitor e não apenas um indivíduo letrado. Ou seja, que leia produtos como jornais, bulas de remédio, revistas, histórias em quadrinhos, poesias, romances, etc. Sendo assim, segundo a autora (2007), o professor precisa se reconhecer enquanto leitor e, posterior a esse reconhecimento, transmitir aos alunos o seu gosto pela leitura. Para esse momento de transmissão, o professor precisa começar a sondar as preferências de seus alunos, tendo em vista que os discentes, em geral, rejeitam a leitura por associá-la com os livros escolares e a

obrigatoriedade de aprender. Por fim, a escola tem o papel de disponibilizar os livros, através da biblioteca, da ação dos professores e do interesse dos alunos.

Destacamos o papel da literatura de cordel na formação de professores leitores e, por consequência, discentes leitores, uma vez que “[...] toda vivência artística, de qualquer grupo, comunica uma experiência peculiar do mundo. É preciso ouvir a experiência do outro não como menor, ou menos universal, mas como diferente” (PINHEIRO, 2013, p. 36). Meneses (2019) defende a “Literatura de cordel” enquanto patrimônio cultural imaterial, argumentando que a literatura deve ser concebida através da integração entre autores, obras, público, suportes de produção e de circulação, em um sistema organizado que não afaste a dimensão de práticas culturais. Desse modo, segundo o autor (2019), literatura e prática de cordel se aproximam na medida em que agem sobre o mundo através da palavra e, por meio dela, constroem novos mundos. Por essas motivações e pela elevada qualidade do cordel, Meneses (2019) considera inexplicável que o cordel não esteja registrado nos manuais que tratam da nossa história literária, encontrando-se em um contexto que ele qualifica como “desistoricizado” de folclore ou de arte popular.

Apesar do papel desempenhado pela literatura de cordel na formação de leitores, conforme defendido por Pinheiro (2013), e de geograficamente estarmos situados na região Nordeste, em que a cultura da literatura de cordel é mais produzida e divulgada, percebemos que os folhetos de cordel são pouco trabalhados no ambiente escolar, bem como se encontram distantes do repertório de leituras pessoais e/ou profissionais do professor regente. O fato se dá, aparentemente, por três motivações: a) o pouco interesse na experiência do outro que, no caso específico do cordel, é nossa experiência (enquanto nordestinos); b) o pouco incentivo de políticas públicas que fomentem a formação de professores voltada para essa temática, além do pouco investimento em materiais dessa tipologia literária para serem trabalhados em sala de aula; e c) o cumprimento das demandas do currículo previsto para cada série e disciplina. Embora o planejamento seja flexível, o conteúdo curricular é muito extenso e é exigido ao professor que “dê conta de tudo”, o que acaba dificultando a inserção de outras propostas de leitura em sala de aula. Por outro lado, há professores que levam o cordel para a sala de aula e conseguem trabalhar a partir do currículo. Nesse caso, a formação continuada e a sugestão de sequências didáticas contribuem bastante para que os professores percebam que é possível e que é eficiente o trabalho com a Literatura de Cordel.

Diante disso, o professor, cuja prática tem como objetivo a formação de leitores, deve também ser um leitor. Para tanto, se o anseio é formar leitores a partir dos cordéis, esse docente, por sua vez, deve ser leitor do referido gênero. Isso porque somente sendo um sujeito que lê e se apropria dos folhetos é que poderá passar para seus alunos com determinada segurança os instrumentos, métodos e caminhos para que também se tornem leitores.

É importante salientar que “saber ler os cordéis” pressupõe determinados conhecimentos culturais e tácitos do gênero: a métrica, a entonação, o enredo dos versos, o tom, a declamação, a dramaticidade, a comicidade, a arte envolvida nos processos de construção do folheto como objeto estético, a história, etc. É plausível destacar ainda que o trabalho de formação de leitores encontra na literatura de cordel elementos que aproximam e seduzem o público de forma bastante peculiar, uma vez que essa expressão da poesia popular provoca naqueles que a conhecem o encantamento que se apresenta em recursos como o ritmo, a métrica, a declamação e as temáticas abordadas em seus enredos que seduzem o aluno/leitor, envolvendo-os em suas tramas.

Considerando que, atualmente, em grande parte das escolas a Literatura de Cordel não é muito conhecida e nem explorada, muitas crianças nunca manusearam um folheto de cordel, visto que, muitas vezes, este é visto de forma avessa por alguns professores. Por

isso, os alunos não têm o entendimento de que a Literatura de Cordel é uma arte. Assim, Marinho e Pinheiro (2012) defendem que o folheto deve ser enfatizado como literatura e não meramente como informação, jornalismo ou outras abordagens que se limitem ao caráter pragmático. Em qualquer circunstância de trabalho em sala de aula, Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que os folhetos devem ser lidos, pedem voz, e a sala de aula, na concepção dos pesquisadores, é o espaço ideal para que ocorra a experimentação dos variados modos de realização oral.

Acreditamos que a inserção do gênero cordel no contexto escolar como parte das metodologias de ensino voltadas para a leitura do texto literário pode contribuir significativamente com a formação de leitores. Essa prática tem como ponto de partida principal a figura docente, uma vez que, na maioria das vezes, utilizando-se de sua autonomia, a seleção de textos a serem mediados em sala de aula é realizada pelo professor; daí a importância de que este seja também um leitor desse gênero. Cabe ao docente, partindo de reflexões sobre a sua prática e sobre a realidade de seus alunos, observar como a “aparente” simplicidade dos versos do cordel pode significar flexibilização e inovação para as aulas “tradicionais” de leitura, muitas vezes enfadonhas e sem atrativos para o leitor. Nessa perspectiva, de um lado, teremos o professor trazendo o conhecimento e utilizando outra metodologia de ensino e, do outro, o aluno aprendendo a partir de uma nova ótica. Assim, pedagogicamente, o professor terá no cordel um novo direcionamento, que contribuirá não somente para o seu desenvolvimento enquanto leitor, mas também enquanto formador de leitores.

PROFESSOR LEITOR

Zilberman (2007) afirma que um dos requisitos para que se ensine leitura é que o professor seja leitor. Rouxel (2013, p. 29) define o professor como “[...] um sujeito que tem sua própria leitura do texto. É também um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos alunos, expectativas institucionais), que leitura do texto poderá ser elaborada na aula”. Em uma entrevista concedida a Rezende e Oliveira, a professora Annie Rouxel (2015) cita a fala da Inspetora Geral Anne Vibert ao fazer a seguinte sugestão:

Para instituir o sujeito leitor, um pré-requisito para o professor (e, portanto, para os professores em formação) seja o de construir sua identidade de leitor, o que ela explicita assim: “ser consciente do que somos como leitores para melhor compreender, e então, ensinar a leitura literária; colocar-se também como sujeito leitor perante a classe (e especialmente como leitor plural) e não apenas como detentor de um saber ler que pode parecer inacessível para certos alunos”. (ROUXEL, 2015, p. 292).

Sendo o professor um sujeito leitor, suas percepções individuais nortearão sua prática em sala de aula. No entanto, Rouxel (2013) explica que sua ética profissional é um impeditivo quanto à completa exposição de sua compreensão pessoal. Assim, enquanto profissional, ele deve efetuar acomodações de seus entendimentos e também antecipar o que podem ser as dificuldades dos discentes. No que se refere ao professor do Ensino Fundamental I, ele deve buscar primeiro reunir as leituras dos alunos, identificando o que é, para eles, difícil e, posteriormente, submetê-los a um debate interpretativo, “Ele também pode guiar a atenção para o texto e fazer com que os alunos levantem hipóteses e cheguem a interpretações aceitáveis ou satisfatórias” (ROUXEL, 2013, p. 29).

Quando a relação entre o leitor e o texto não ocorrer de forma significativa, a atuação como mediador do texto também acaba por se comprometer. Desse modo, a leitura deve ser significativa para o professor, para que assim também o seja para seus alunos quando

ele a transmitir. Caso ocorra o contrário, a sua tarefa de construir uma ponte entre os alunos e a interação com os textos pode não se tornar efetiva.

Essa relação entre o professor, o livro e o gosto pela leitura deve começar na formação. Rouxel (2015) argumenta que, ainda em suas formações, os professores devem ser convidados a se conhecerem enquanto leitores para, tão somente depois, despertar em seus alunos o interesse pela leitura. A autora (2015) explica que os professores, ao longo de suas formações, são postos em uma espécie de *myse em abîme*, ou seja, na situação que, posteriormente, será a de seus alunos. Para Rouxel (2015), isso ocorre quando:

Pede-se que eles identifiquem suas posturas de leitor, que observem e analisem suas atividades de ficcionalização, que tenham um diário de leitura, que estejam à escuta de si mesmos etc., experiências desestabilizantes, mas muito ricas. Assim, também aprendem (colocando-se à prova) a ajudar os alunos a identificar suas relações ao texto por meio de novos questionamentos. (ROUXEL, 2015, p. 292).

Burlamaque (2006) afirma que, se a relação entre o professor e o texto não for significativa, a atuação do professor como mediador de leitura acaba por ficar comprometida, tendo em vista que, além de não conseguir chegar até o aluno, ainda pode ajudar a legitimar a tradicional aversão que os alunos têm pelas leituras propostas no universo escolar.

Pozetti (2007) chama atenção para a importância da reflexão crítica por parte do professor, atribuindo a ele a responsabilidade pelo exame acerca dos valores que fundamentam tanto sua ação quanto o contexto em que se insere. Para tanto, quando o professor avalia sua formação na posição de professor leitor, pode iniciar mudanças em sua prática, tanto como educador quanto como leitor. Ou seja, quando se pensa sobre o que é trabalhado nas aulas, é possível construir um novo entendimento sobre o leitor e também sobre os modos de aprender, que auxiliam na prática pedagógica. Desse modo, a prática leitora dos professores é condição indispensável em suas salas de aula quando o objetivo é a formação de novos leitores.

Essa reflexão do professor acerca de sua prática e de sua formação enquanto leitor pode apresentar entraves significativos quando observado o contexto no qual esse profissional está inserido. Dessa forma, é possível observar que, embora a BNCC tenha aberto alguns espaços para a autonomia docente, quem está na regência tem percebido que muito do que está lá não é funcional, uma vez que uma das tarefas destinadas a esses profissionais é, na maioria das vezes, a de apenas se adaptar ao currículo que já chega pronto nas escolas. Junte-se a esse cenário o fato de o professor não ser um leitor, condição necessária para a sua prática diária em sala de aula enquanto profissional que forma leitores. Essa realidade por si só justifica a necessidade de discussões contínuas acerca de propostas metodológicas que contribuam para o processo de formação dos docentes enquanto mediadores do texto literário e também enquanto leitores em formação.

Dessa forma, ser e atuar como professor leitor não pode se restringir, tão somente, aos cursos e/ou componentes mais próximos da área de literatura, mas deve ser uma habilidade e uma característica a todos que atuam na profissão, tendo em vista que o fato de o professor ser um sujeito leitor ajuda em sua prática como docente, seja no que diz respeito à motivação dos discentes, seja nas aulas que ministra e como conduz as discussões. É válido lembrar, nesse sentido, que, no cotidiano escolar, um dos pressupostos para que o aluno passe a ter interesse pela leitura é perceber no professor essa figura leitora, considerando que falar e entender sobre o que gosta facilita ao compartilhar esse conhecimento.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM LITERATURA DE CORDEL PARA PROFESSORES

Expressiva parte dos alunos que dependem do sistema público de educação tem seus primeiros contatos com o livro no ambiente escolar, tornando, assim, o professor um importante mediador dessas relações que se firmam (ou não) entre os discentes e a literatura, principalmente no início de sua trajetória escolar, uma vez que é na infância que a personalidade bem como o hábito de leitura se consolidam (COLOMER, 2007).

Por outra perspectiva, o Estado não oferta com frequência para seus profissionais formações continuadas que contribuam para melhoria e desenvolvimento de suas práticas docentes; e, quando esses cursos estão disponíveis no mercado, o valor nem sempre é acessível, logo, os contatos que os docentes estabelecem com a literatura estão atrelados, principalmente, ao que leem, tão somente, no âmbito pessoal. Oliveira (2013) diz que a escassez de formações adequadas em relação à literatura reflete na prática docente e, conseqüentemente, na aquisição de conhecimentos pelos alunos, impedindo a formação de leitores que sintam prazer com a literatura.

Apesar da importância da aproximação com o literário, os professores, em geral, pautam suas escolhas de leituras para a sala de aula no que orientam os livros didáticos (SAMPAIO; SOUZA, 2015). Ao escolher seguir as orientações exclusivas dos livros didáticos, o professor esquece, por exemplo, de tratar acerca da literatura que se produz em seu estado, cidade, região, etc. Diante disso, a própria literatura de cordel é deixada de lado, tendo em vista que os folhetos não são um tema frequente nos livros didáticos. Destacamos ainda que o ensino de literatura não é algo que deve ser realizado de forma descomprometida, solta, considerando que é um dos conteúdos estudados nas graduações (de Pedagogia e de Letras, por exemplo), apesar do aparente pouco tempo e trabalho destinados ao seu ensino em sala de aula. Sendo assim, para o ensino de literatura também se deve considerar a teoria literária para a preparação e execução das aulas. No entanto, o desinteresse aparenta não está apenas no lado dos alunos, mas também no dos professores.

É muito comum ouvir que os alunos não se interessam pela ficção, não se interessam pela leitura, por isso é tão difícil desenvolver neles as capacidades inerentes a ela. Contudo, esquecem de que a maioria dos jovens acompanha e se interessa por ficção, como seriados, filmes, quadrinhos, etc. Ou seja, a dificuldade parece não se concentrar nos gostos dos alunos, uma vez que os gêneros anteriormente citados reúnem características do mundo literário (construção de personagens; enredos marcados por histórias de amor, intriga, aventura, etc.). Nesse sentido, cabe ao professor associar essas questões, mostrando como ocorre o processo de construção de personagens, a similaridade entre os enredos e todos os elementos narrativos que encantam o aluno na ficção, e que também estão presentes no mundo literário. Logo, acreditamos que, com o aporte teórico e a formação adequada, o professor conseguiria mostrar para seu alunado que o seu desinteresse pela leitura vai na contramão daquilo que eles dizem gostar na TV, por exemplo.

Dessa maneira, a formação de leitores é uma situação problemática nas instituições educacionais, que vai desde a formação docente até a própria estrutura da escola, no que se refere à disponibilidade de biblioteca e de acervos literários, dentre outras questões. Cagliari (2009) mostra que a falha no processo de formação de professores se reflete diretamente no ambiente escolar, uma vez que é um dos motivos pelos quais não se consegue formar leitores. Para que o aluno se sinta atraído pela leitura é imprescindível que algo o motive.

A literatura de cordel como material pedagógico pode subsidiar a prática docente em uma metodologia mais criativa e produtiva de ensinar a ler e interpretar, pois o cordel, além de dinâmico, prazeroso, com temáticas nordestinas, infantis, metafóricas, etc., apresenta a presença de animais, príncipes, princesas que atraem o interesse das crianças.

Consideramos que os cordéis que narram suas histórias baseadas nos contos de fada se configuram como uma leitura atrativa para todas as faixas etárias, uma vez que, entre outras possibilidades, trabalha a fantasia e retoma lembranças da infância leitora. Diante dessa afirmativa, percebemos na literatura de cordel um mundo de fantasia e realidade que instigará o indivíduo a desenvolver o deleite pela leitura, mergulhando nas entrelinhas, nas ideias que o texto provoca em si mesmo e no próximo.

Com base no que foi acima tratado, apresentamos a seguir uma proposta de sequência didática para a formação continuada de professores do Ensino Fundamental II (e, conseqüentemente, multiplicadores da formação literária), tendo como foco o trabalho com a Literatura de Cordel em sala de aula. A proposta de sequência tem como base literária o cordel *A bela adormecida no bosque*, de João Martins de Athayde (1974). Essa proposta, por mais que tenha como base o cordel de Athayde, pode ser adaptada para o trabalho com muitos outros títulos pertencentes à literatura de cordel.

A sequência didática aqui apresentada tem como referência o modelo elaborado por Cosson (2014) em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*. Apesar do modelo elaborado pelo autor estar em consonância com o trabalho voltado para o público de alunos, sua organização também permite o trabalho com professores. O autor (2014) defende que as sequências didáticas devem ser organizadas a partir de atividades escolares sistemáticas, com o objetivo de desenvolver o aprendizado dos alunos. Assim, as sequências se dividem em duas: a básica e a expandida. Para elaboração da proposta, adotamos o modelo de sequência didática básica, que se divide nas seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A seguir, apresentamos a sequência didática para formação continuada de professores:

Obra escolhida – cordel <i>A Bela adormecida no bosque</i> de João Martins de Athayde
Ferramentas didáticas: <i>YouTube, Google Meet, Google Forms, Padlet, cordel, PDF, etc.</i>
Suporte da formação: A formação continuada em questão é pensada à distância, por meio de ferramentas que tornam possível o curso de forma <i>on-line</i> com os professores.
Objetivo: Formar professores leitores a partir do contato, leitura e trabalho com a literatura de cordel, para que, uma vez embasados sobre a leitura e as possibilidades de medição do gênero, consolidem-se como multiplicadores na formação de outros leitores.
Possível problemática: Percebe-se, com certa frequência, no meio docente uma dificuldade em relação à leitura literária e ao trabalho com ela em sala de aula, considerando que as formações em Letras e em Pedagogia, por exemplo, pouco tratam em seus currículos de literatura; do cordel, em específico, se observa ausência em sua quase totalidade. Se há uma deficiência nas graduações da área de linguagens, nas demais formações iniciais de professores é praticamente nula a utilização da literatura como instrumento didático. Partindo desse pressuposto, a formação continuada busca, inicialmente, trazer à tona o imaginário literário desses professores, entendendo seus gostos, seu acervo de leituras pessoais e, somando a isso, a proposta de discutir a história da Bela Adormecida, conto conhecido na literatura infantil. Buscando discutir os conhecimentos prévios sobre a Bela Adormecida e sua história, propomos uma conversa acerca da sua temática, bem como do enredo que desenvolve, suas personagens, etc. A discussão será organizada e realizada através de uma reunião via <i>Google Meet</i> .
Motivação:
Nesta etapa, buscamos despertar nos professores uma retomada aos seus repertórios literários, bem como seus gostos e suas leituras de infância, direcionando o assunto para a importância da literatura infantil no desenvolvimento do hábito da leitura. Ainda nessa fase, propomos discutir acerca do conhecido conto infantil “A bela Adormecida”, refletindo sobre as lembranças que os professores têm dele acerca de personagens, espaço, enredo e o que opinam sobre a história.
Introdução:
Nessa segunda fase, apresentaremos a obra que, de fato, é objeto de nossa formação: <i>A bela adormecida no bosque</i> , cordel de João Martins de Athayde. Para tanto, dividimos essa fase

em duas partes: a primeira como apresentação do autor e a segunda como apresentação da obra.
Apresentação do autor: O conhecimento sobre a vida e obra do autor parte de um convite a conhecerem o site da Casa Rui Barbosa (http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMartins/joaoMartinsdeAtaide_biografia.html), que dispõe de biografia e acervo dos poemas do cordelista. Nesse momento, é importante que, ao visitarem a página, os professores sejam orientados a buscar no acervo do poeta cordéis que lhe chamem atenção pelo seu título e, posteriormente, explicar a motivação da escolha e recitar alguns versos.
Apresentação da obra: Na apresentação da obra, o mediador disponibilizará o <i>link</i> com o cordel escolhido para esta proposta e os professores serão convidados a analisar a imagem de capa do cordel, lançando hipóteses e discussões acerca dela, bem como a discutir a relação entre o texto em observação com outros textos que recontam a história. (http://docvirt.com/Hotpage/Hotpage.aspx?bib=CordelFCRB&pagfis=6136&url=http://docvirt.com/docreader.net#).
Leitura e interpretação: A proposta de leitura é também uma atividade que deve ser realizada no momento do curso. Os professores devem se subdividir em grupos (formação de outros grupos no <i>Google Meet</i>) e a partir de então realizar o momento de leitura e uma discussão preliminar sobre o texto, cujo link foi repassado na etapa anterior. Além do texto escrito, o cordel também será apresentado declamado através da apresentação de vídeo em que Manoela Pamplona o recita (https://www.youtube.com/watch?v=YmWjmlhQTis).
Proposta de atividade: Realizada a leitura e as discussões propostas, solicitamos que os professores comecem sua análise a partir do título do cordel, sua estrutura e, por fim, visão global do texto. Ainda nessa etapa, sugerimos que os professores somem as suas análises, as impressões pessoais, os versos que mais atraíram a atenção, sendo chamados a também declamar os que mais gostaram e, assim, destacar a importância da oralização do poema.

Como última atividade, propomos que os professores pesquisem e escolham cordéis que lhes despertem interesse e recitem os versos em sala de aula, de modo que atentem para aspectos como métrica, entonação e aspectos referentes à leitura do poema.

A LITERATURA DE CORDEL COMO PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

A formação de leitores a partir de folhetos como *A bela adormecida no bosque*, assim como outros de diferentes temáticas, remonta ainda a relevância da literatura oral no âmbito cultural e no âmbito educacional.

Nesse sentido, o conjunto de atividades que propusemos aqui parte da necessidade de discutirmos, junto a professores do Ensino Fundamental, a importância da inserção da literatura de cordel como parte de seu acervo particular enquanto leitor e enquanto mediador de literatura em sala de aula. Essa interação entre professor/leitor e texto se faz necessária tanto no que se refere ao processo de formação docente, quanto no que se refere ao processo de mediação, para que este se apresente sem entraves/ comprometimentos junto ao aluno. (BURLAMAQUE, 2006).

Acreditamos que a sequência proposta pode impactar na prática do professor em sala de aula à medida que busca lhe inserir no mundo literário, enquanto sujeito leitor que retoma os textos do seu imaginário infantil por meio da ótica e dos versos do cordel, refletindo essa conquista na prática em sala de aula com seus alunos. Assim, as etapas sugeridas por Cosson (2014) para uma sequência didática básica e associadas à literatura de cordel, podem motivar o professor a aproximar a literatura à prática de leitura. Pinheiro (2013) defende:

Faz-se necessário, cada vez mais, que a universidade, além do trabalho de formação do leitor crítico, também forme o professor capaz de realizar um trabalho de formação de leitores na escola básica. É fundamental pensar procedimentos que fujam da tradicional aula expositiva de literatura, das abordagens que têm como ponto de partida não o texto, mas informações

históricas, formais, temáticas. É imprescindível sempre partir do texto literário. (PINHEIRO, 2013, p. 45).

Nessa perspectiva, o autor (2013) ainda reflete sobre a importância de fazer com que o leitor se pronuncie, discuta sobre o texto. É nesse caminho que buscamos que o professor também aprenda a se tornar um leitor e, posteriormente, um formador de leitores: partindo do texto, discutindo-o, compreendendo-o. Para Pinheiro (2013), o cordel na formação de leitores atua por meio da valorização da voz, da figura do leitor, de sua interação e aproximação do texto às suas vivências.

Assim sendo, por meio da sequência pedagógica há uma intencionalidade de tornar a leitura dos versos de cordel uma experiência de leitura especialmente para os professores que, dentro da formação continuada, também são entendidos como leitores em formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da inegável importância da leitura nas aulas de língua materna, não é somente do professor de Português ou de línguas a responsabilidade de incutir o hábito ler, considerando que a leitura é indispensável para todas as disciplinas do currículo, bem como para a vivência diária. Além disso, pesar de o fato da formação de leitores em seus lares ser uma forma de enriquecimento das capacidades do aluno, a realidade brasileira evidencia que é na escola o lugar em que o alunado tem seu maior contato com os livros.

Sabemos que não existe ensino escolar que não pressuponha a leitura, e ela se materializa a partir de variados sujeitos, como o aluno e o professor, e de diversos objetos, como o texto escrito ou a imagem. No que se refere ao contexto de aula, a fala/ministração do professor é elemento indispensável e, geralmente, é embasada em leituras realizadas por ele, especialmente relacionadas à disciplina a qual ministra. Sendo assim, a aula é, dentre outras coisas, o acúmulo do que por ele foi lido, por meio de uma fala carregada de conceitos e ideologias. Por consequência, ler deve ser uma atividade inerente e cotidiana na vivência daqueles que ministram aulas, tanto para a formação e o planejamento, quanto para a própria prática docente, considerando também que, se o aluno não desenvolve a capacidade leitora, ele possivelmente não conseguirá alcançar o conhecimento necessário para as atividades de leitura presentes no contexto escolar.

Isso implica dizer que professores de todas as disciplinas precisam tomar como base para as suas atividades junto aos alunos a atividade de leitura e, por isso, esses docentes precisam estar preparados para essa realidade. Assim sendo, se a própria formação inicial desse profissional não propicia o acesso a esse conhecimento, destaca-se a relevância da formação continuada acerca da temática, com direcionamento de textos trabalhados nas próprias disciplinas, nas mais diferentes áreas.

Diante dessa perspectiva, para que a prática docente possa ser efetivada no ensino da Literatura de Cordel, foco deste trabalho, o professor deve compreender os caminhos para levar os folhetos até os seus alunos, considerando que, para isso, aliada à sua formação inicial, faz-se necessária uma formação continuada que priorize o ensino de literatura e, especialmente, o ensino de leitura de cordel. Isso porque as aulas de literatura, em geral, ou estão atreladas às aulas de gramática ou são definidas em detrimento do cumprimento de carga horária. Observa-se ainda que os professores possuem certa carência de uma formação efetivamente adequada para lecionar e estabelecer a atividade de mediação desse gênero em sala de aula, como parte dos componentes curriculares presentes nas matrizes de seus cursos de licenciatura, o que ratifica, portanto, a importância da formação continuada.

REFERÊNCIAS

- AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. *In*: MACHADO, A. R. (org.) **O ensino como trabalho**: Uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 35-53.
- ATHAYDE, J. M.de. **A Bela Adormecida no bosque**. Juazeiro do Norte: Ed. Prop. Filhos de José Bernardo da Silva, 1974. Disponível em: <http://acervoantonionobrega.com.br/cordeis/an-cordel2085>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- BURLAMAQUE, F. V. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. *In*: TURCHI, M. Z.; SILVA, V. M. T. (org.). **Leitor formado, leitor em formação**: leitura literária em questão. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 79-91.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, R. Prefácio. *In*: PINHEIRO, A.S.; RAMOS, F. B. (org.). **Literatura e formação continuada de professores**: desafios da prática educativa. 14.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA, N. M. L. A formação contínua de professores – Novas Tendências e Novos Caminhos. **Holos**, Ano 20, dezembro de 2004. Disponível em: <http://www3.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/48/52>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- DIÉGUES JR., M. Literatura de cordel. *In*: BATISTA, S. N. **Antologia da literatura de cordel**. Natal: Fundação José Augusto, 1977.
- MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo. Cortez, 2012.
- MENESES, U. T. B de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S.l.], n. 72, p. 225-244, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i72p225-244. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157058>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, dez. 2017. Disponível em: São Paulo, 2017. Disponível em http://www.sicelo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000401106&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 ago, 2020. <https://doi.org/10.1590/198053144843>.
- OLIVEIRA, G. R. **O professor de português e a literatura** – relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino. São Paulo: Alameda, 2013.
- PINHEIRO, J. H. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. *In*: **Leitura de literatura na escola**. DALVI, M. A.; RESENDE, N. L. de.; JOVERFALEIROS, R. (org.). São Paulo: Parábola, 2013.
- PINHEIRO, J. H. Cordel para crianças: Aspectos temáticos e metodológicos ou um sabiá na sala de aula. *In*: DEBUS, E.; BAZZO, J. L. S.; BORTLOTTO, N. (org.). **Poesia (cabe) na escola**: por uma educação poética. Campina Grande: EDUEFCG, 2018.
- POZZETTI, R. A. **A formação do professor leitor**: práticas de leitura em diferentes contextos. 2007. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/13926/1/Renata%20Angelica%20Pozzetti.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.
- ROUXEL, A. Um sujeito leitor para a literatura na escola. Entrevista com Annie Rouxel. [Entrevista concedida a] Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. **Revista Teias**, v. 6, n. 41, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24526>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. *In*: **Leitura de literatura na escola**. DALVI, M. A.; RESENDE, N. L. de.; JOVERFALEIROS, R. (org.). São Paulo: Parábola, 2013.
- SAMPAIO, E. S.; SOUZA, M. L. G. de. A perspectiva de ensino de Literatura nos Livros Didáticos de Português: O que se ensina quando se ensina Literatura? **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 6, n. 1, p. 22-23, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/articledownload/6715/14913/>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- TARRDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ZILBERMAN, R. Entrevista com Regina Zilberman. [Entrevista concedida a] Meire Cavalcante. **Revista Nova Escola**, 2007. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/953/entrevista-com-regina-zilberman>. Acesso em: 18 jun. 2020.

Recebido em 29-04-2021
Revisões requeridas em 09-06-2021
Aceito em 03-08-2021